

Chamada

Nesse artigo você irá encontrara, inicialmente, uma explicação clara e simples de como as forças de oferta e demanda por fatores de produção em combinação com a flexibilidade nos preços de tais fatores, garantem, segundo a teoria neoclássica, a tendência da economia rumo ao pleno emprego. Entender claramente esse mecanismo é um ponto básico para sua posterior crítica e substituição pelo princípio da demanda efetiva. Tal crítica é feita tanto em termos teóricos abstratos como em termos empíricos, mostrando a implausibilidade do mecanismo que serve de base a toda teoria ortodoxa da produção.

EQUILÍBRIO NEOCLÁSSICO DE MERCADO DE FATORES: UM PONTO DE VISTA SRAFFIANO*

Franklin Serrano**

ABSTRACT

This paper presents a Sraffian criticism of Kenneth Arrow's defence of the **empirical** relevance of neoclassical general equilibrium theory. The neoclassical explanation would only make empirical sense if market clearing really happens in the markets for factors of production. This in turn depends on two things : a).nominal and real "flexibility" of factor prices; and b) on the (direct and indirect) substitution effects being the dominant effect of factor price changes. However: 1.nominal factor price flexibility is both empirically implausible and anyway tends to be destabilizing (and cause a lack of real flexibility) 2. Sraffa's capital critique shows that in any case the substitution effect may break down completely in the real-world case of heterogeneous capital. An alternative (and more consistent) Sraffa-based explanation of the facts is also briefly sketched.

I. Introdução

O objetivo deste artigo é discutir criticamente a visão crescentemente popular de que o nível global de atividade econômica nas economias capitalistas é normalmente restrito pelo lado da **oferta**, e não pela **demand**a, e a noção neoclássica de equilíbrio de mercado de fatores na qual esta visão está baseada.

* Gostaria de agradecer (mas evidentemente sem responsabilizar) à Carlos Medeiros, Ricardo Henriques e F. Petri por comentários a versões anteriores deste artigo, à Romulo Tavares Ribeiro, Maria Malta e Luiz Daniel Willcox de Souza pela assistência de pesquisa e ao CNPq pelo apoio financeiro.

** IE-UFRJ.

O argumento é apresentado em termos de uma discussão a respeito da explicação teórica de dois fatos estilizados. O primeiro é uma evidente (apesar de lenta e com frequência irregular) tendência secular na direção de uma igualdade aproximada entre oportunidades de emprego e o tamanho da força de trabalho. O segundo fato estilizado é a tendência secular (que parece operar bem mais rápido e mais eficientemente) na direção de certa congruência entre a demanda agregada e o estoque de capital da economia, ou em outras palavras, uma tendência de aproximação do grau de utilização do equipamento de capital ao seu nível planejado ou normal.

Para os autores neoclássicos estes fatos estilizados são vistos como claramente confirmando sua visão de que no longo prazo o produto tende a se ajustar à capacidade produtiva disponível (ou mais geralmente às dotações de 'fatores de produção'). Como K. Arrow argumentou em sua palestra do Prêmio Nobel de 1972:

"The balancing of supply and demand is far from perfect."... "the system has been marked by recurring periods in which the supply of available labor and of productive equipment for the production of goods has been in excess of their utilization"... Nevertheless, when due allowances are made, the coherence"... "is remarkable."¹ (reimpresso em Arrow, 1983,p.200).² Alguns anos mais tarde, em uma entrevista dada a G. Feiwel, Arrow deu um exemplo mais concreto do que ele tinha em mente : "The US... "created many more jobs in the last ten or fifteen years than Europe has. (...) the US labor force has during these years grown a lot more than the European has. And that is not a coincidence! If the Europeans had a lot more people looking for jobs , there would be more jobs"³. (Arrow , 1989, pp. 175-176).

Vamos argumentar, seguindo a abordagem Sraffiana (ver Garegnani(1990a)) que, ao contrário do que comumente se acredita, aceitar estes dois **fatos** estilizados de forma alguma significa que tenhamos que aceitar a **teoria** neoclássica específica proposta para explicar aqueles fatos, ou a direção de causalidade proposta , que implica que as dotações de fatores são as variáveis independentes.

A explicação neoclássica destes dois fatos requer que os processos de equilíbrio de mercado operem nos mercados dos assim chamados fatores de produção. Equilíbrio de mercado de fatores, entretanto, só será possível se forem satisfeitos dois conjuntos de condições com respeito a: **i)** flexibilidade dos preços dos

¹*O equilíbrio de oferta e demanda esta de ser perfeito (...) o sistema tem sido marcado por períodos recorrentes nos quais a oferta de trabalho disponível e de equipamento produtivo para a produção de bens têm estado em excesso sobre sua utilização (...) No entanto, quando os devidos descontos são feitos, a coerência (...) é notável.*

²Note-se o uso inconsistente de Arrow de um modelo de equilíbrio intertemporal, no qual não se pode permitir que transações sejam feitas em desequilíbrio, para descrever as tendências efetivas de longo prazo de economias nas quais situações de desequilíbrio são admitidas não apenas existir mas também exibir certo grau de persistência. Para uma crítica de um exemplo recente da inconsistência de Arrow vide Petri(1994). Dada a nossa orientação crítica, ao longo deste artigo nós interpretaremos a teoria neoclássica mais generosamente em termos de sua versão tradicional de longo prazo. Sempre que a adoção da versão de longo prazo pareça não oferecer a mais forte linha de defesa neoclássica (como na seção VIII abaixo), nós clarificaremos as diferenças relevantes entre as versões de longo prazo e intertemporal nas notas de rodapé.

³*Os EUA (...) criaram muito mais empregos nos últimos dez ou quinze anos do que a Europa. (...) a força de trabalho dos EUA durante estes anos cresceu bem mais do que a Européia. E isto não é uma coincidência! Se*

fatores; e **ii**) funções de (excesso) de demanda ‘bem comportadas’ por fatores de produção em geral, e por “capital” em particular. Ambas condições acima, contudo, estão expostas a um número de sérias objeções empíricas e teóricas, e portanto a explicação neoclássica destes dois fatos estilizados mostra-se completamente inadequada.

O restante do artigo está dividido em 8 seções. A Seção II discute a noção neoclássica de equilíbrio de mercado nos mercados de fatores de produção. A Seção III aplica aquela noção ao mercado de trabalho e mostra como a teoria neoclássica explica o nosso primeiro fato estilizado. A Seção IV destaca a peculiaridade do papel do equilíbrio de mercado no mercado de poupança-investimento, o qual deve, numa economia monetária, assegurar também o ajustamento da demanda agregada à oferta agregada e daí prover a explicação neoclássica para o nosso segundo fato estilizado. A Seção V discute a relevância da hipótese neoclássica de flexibilidade dos salários reais e nominais. A Seção VI faz o mesmo para a noção de flexibilidade real e nominal da taxa de juros. A Seção VII lida brevemente (seguindo Garegnani(1990b)) com as inconsistências teóricas do conceito de uma função de demanda por fatores ‘bem comportadas’ numa economia com capital heterogêneo. A Seção VIII discute a curiosa tentativa neoclássica de dar uma resposta empírica a uma crítica teórica. A Seção IX conclui o artigo examinando a base de uma explicação alternativa de nossos dois fatos estilizados encontrada na abordagem clássica do excedente revivida e modernizada por Sraffa(1960) de forma a incorporar também as contribuições positivas de Keynes e Kalecki sobre a demanda efetiva.

II. Equilíbrio de Mercado nos Mercados de Fatores

Como se sabe, uma das proposições centrais da abordagem neoclássica (ou marginalista) é que em economias livremente (ou ‘perfeitamente’) competitivas há uma tendência de longo prazo de todos os mercados, e em particular os mercados dos assim chamados fatores de produção, equilibrarem-se. Esta noção de equilíbrio de mercado nos mercados de fator tem duas dimensões. A primeira é puramente descritiva. Equilíbrio de mercado significa que oferta e demanda se igualam⁴. A segunda dimensão, que infelizmente raramente recebe a atenção que merece, é de natureza teórica e é relacionada ao mecanismo causal que é suposto gerar aquele equilíbrio. Isto porque, na abordagem neoclássica, equilíbrio de mercado significa também que a oferta de e a demanda por fatores se equilibram no longo prazo **porque** a demanda por fatores de produção vai se adaptar à dotação de recursos produtivos. A causalidade claramente vai dos recursos produtivos (a dotação de fatores de produção) como a variável independente à demanda por eles como a variável de ajuste ou dependente⁵. A presença desta segunda dimensão tem implicações importantes. Por exemplo, ela permite-nos

os Europeus tivessem bem mais gente procurando emprego, haveria mais empregos.

⁴ Para ser mais preciso, equilíbrio de mercado não descarta situações nas quais prevaleça excesso de oferta crônico. Neste caso, porém, o bem ou serviço de fator que está em excesso de oferta não é escasso e seu preço cairá a zero. Daí, por exemplo, uma situação de permanente desemprego involuntário de trabalho deveria implicar em salários nulos.

⁵ E a respeito da oferta de fatores (em contraste com sua dotação)? A ‘oferta’ de fatores de produção é melhor tratada como a demanda privada por eles vinda de seus próprios detentores. Ao longo deste artigo, a

ver que a mera observação de que oferta e demanda venham a estar em algum sentido equilibrados não é suficiente (ao contrário do que frequentemente se afirma) para caracterizar a situação como uma de equilíbrio de mercado no sentido neoclássico preciso do termo. Evidência adicional deve ser fornecida para mostrar que o mecanismo pelo qual este equilíbrio foi gerado é tal que se possa dizer que foi a dada dotação de fatores que gerou ou induziu a demanda necessária. Ao longo deste trabalho a noção de equilíbrio de mercado será interpretada como englobando tanto: **a)** o sentido puramente descritivo de ‘demanda iguala oferta (ou dotação)’, e **b)** a dimensão especificamente neoclássica (e daí teórica) que significa ‘a dotação (ou oferta) exógena determina a demanda (endógena)’.

No aparato neoclássico o mecanismo básico que é visto como operando em economias competitivas e que é suposto gerar equilíbrio de mercado nos mercados de fator é o assim chamado princípio da substituição (tanto na produção quanto no consumo). A idéia básica é a de que, sob condições competitivas, qualquer aumento exógeno na dotação disponível de qualquer fator de produção vai levar no longo prazo a um aumento na demanda por este fator. Isto vai ocorrer porque a maior disponibilidade daquele fator em relação à demanda inicial por ele vai reduzir seu preço em relação aos preços dos demais fatores de produção. A queda resultante no preço relativo daquele fator terá então o duplo efeito de:

- baratear os métodos de produção que usam aquele fator mais intensivamente (levando à substituição na produção)
- baratear o preço final de bens e serviços em cuja produção aquele fator é usado em alta proporção (levando à substituição no consumo)

A consequência destes efeitos substituição por uma ou por ambas rotas acima mencionadas é aumentar a demanda pelo fator de produção cuja dotação tenha aumentado, uma vez que mudanças apropriadas nos preços relativos de fator e produto vão tanto tornar lucrativo usar este fator mais intensivamente na produção tanto pela via da substituição **direta** (na produção) quanto pela via da substituição **indireta** de fatores, pois a substituição no consumo levando a um aumento na demanda por bens mais intensivos no fator que ficou mais barato gera um aumento na demanda derivada por este fator.

Contudo, para que o mecanismo acima opere no sentido postulado pelos neoclássicos, dois conjuntos de condições têm que ser atendidos:

- i . Os preços relativos de todos bens e fatores (tanto reais quanto nominais) devem ser ‘flexíveis’, no sentido particular de que tenderão a cair sempre que houver uma situação de excesso de oferta e aumentar sempre que houver excesso de demanda (i.e., mudanças de preços seguem a ‘lei de oferta e demanda’)

menos que seja estabelecido de outra forma, nós assumiremos que a oferta de fatores é totalmente inelástica (alternativamente o leitor pode pensar que estamos falando de funções de excesso de demanda pelos fatores de produção).

- i i . O efeito substituição de fatores tanto pela via direta quanto indireta tem que ser a consequência dominante destas mudanças de preços de fatores (e de mercadorias). Em outras palavras as funções de demanda por fatores têm que ser ‘bem comportadas’ (negativamente inclinadas).⁶

Portanto, apenas se todos os preços, e especialmente os preços de fator, são neste sentido flexíveis e as funções de demanda por fator são ‘bem comportadas’ nós podemos esperar uma tendência de longo prazo dos mercados de fatores se equilibrarem. Se uma ou ambas as condições i e ii não forem satisfeitas, não se obterá equilíbrio de mercado.

III. Equilíbrio de Mercado no Mercado de Trabalho e o Primeiro Fato Estilizado

Uma ilustração da operação da tendência ao equilíbrio de mercado de fatores pode ser encontrada na análise neoclássica do mercado de trabalho de um tipo particular de trabalho numa economia de escambo que não usa moeda. Nós temos por um lado a dotação daquele tipo de trabalho, a qual, por simplificação, suporemos como sendo inelasticamente ofertada. Isto nos dá a curva de oferta (dotação) daquele tipo de trabalho.

Do outro lado, para quaisquer dadas quantidades utilizadas de todos os outros fatores de produção (incluindo outros tipos de trabalho) nós podemos derivar uma curva de demanda por trabalho daquele tipo. O papel do princípio da substituição aparece aqui no fato de que a curva de demanda por trabalho daquele tipo particular é negativamente inclinada. E a hipótese de flexibilidade de preço aparece aqui como os salários reais deste tipo de trabalhadores caindo indefinidamente enquanto a demanda por trabalho for menor do que a oferta disponível e subindo continuamente enquanto a demanda por trabalho for maior do que aquela mesma oferta (ou dotação).

Neste caso é plausível que a economia estará continuamente gravitando em torno e na direção da posição na qual o mercado de trabalho se equilibra. De fato se houver, por exemplo, uma elevação exógena no número de trabalhadores daquele tipo (ofertado inelasticamente), nós sabemos, por causa da hipótese de flexibilidade de preços de fatores, que os salários reais daqueles trabalhadores estarão caindo. Do princípio da substituição nós também sabemos que esta queda no seu salário real irá elevar a demanda por trabalho daquele tipo específico tanto por fazer as firmas passarem a métodos de produção que usam mais intensivamente aquele tipo de trabalho (substituição indireta), quanto porque os bens de consumo que usam coeficientes mais altos daquele tipo de trabalho serão crescentemente demandados pelos consumidores (substituição indireta).

Note que o mesmo processo se aplica simultaneamente ao mercado de trabalho de todo outro tipo particular de trabalhadores. Daí haver uma tendência contínua, sob estas hipóteses, em direção ao equilíbrio de mercado para toda a força de trabalho.

Essa é, de fato, a base para a explicação neoclássica de nosso primeiro fato estilizado. É o número de oportunidades de emprego que se ajusta à oferta disponível de trabalho através da operação deste mecanismo

⁶ Note que estamos nos referindo a funções (excesso) de demanda por fatores de equilíbrio geral. Sobre a

de equilíbrio de mercado nos mercados de trabalho.

Sob aquelas hipóteses a mesma tendência na direção do equilíbrio de mercado estará ocorrendo em todo e cada mercado de fatores primários ou não reprodutíveis tais como a terra.

Note que o fato de que nós podemos derivar uma demanda negativamente inclinada por cada fator não reprodutível, dadas as quantidades efetivamente utilizadas de todos os outros fatores, significa que se por alguma razão o mercado de um fator particular não se equilibra, digamos por causa de uma rigidez no preço daquele fator, isso de forma alguma põe em risco o equilíbrio de mercado dos outros mercados onde preços de fator tenham permanecido completamente flexíveis. O que aconteceria é que, dado que, digamos, está sendo usado menos de um fator particular do que se poderia, isto será equivalente a um deslocamento para a esquerda das curvas de demanda por todos os outros fatores, o que vai provavelmente implicar que seus preços de equilíbrio terminarão menores do que teriam sido de outra forma. Por isso rigidez de preço em um mercado irá normalmente significar falta de equilíbrio de mercado apenas naquele mercado.

IV. Equilíbrio de Mercado no Mercado de Poupança e Investimento e o Segundo Fato Estilizado.

No sentido de examinar a explicação neoclássica para o nosso segundo fato estilizado nós temos que começar por assumir provisoriamente que a economia em consideração produz um único bem de capital circulante, o qual pode ser usado tanto para consumo quanto para investimento, i.e., vamos assumir o caso no qual o capital é homogêneo em relação ao produto. Essa hipótese será removida na seção VI.

Vamos também admitir que a economia em consideração é uma economia monetária. Neste caso, quando nós olhamos para o mercado de capital nós notamos uma peculiaridade naquele mercado, a qual não aparece no mercado dos outros fatores (não reprodutíveis). Essa peculiaridade é que equilíbrio de mercado neste mercado particular resolve também um problema macroeconômico.

Vamos então olhar para o mercado de capital “na margem”, não como um mercado do estoque existente de capital mas como o mercado de capital “novo” como fluxo de investimento e poupança brutos.⁷

Nesse contexto a ocorrência de poupança líquida significaria um aumento na oferta de estoque de capital, enquanto investimento líquido (igual nesta economia de capital circulante a um aumento no investimento bruto) representaria o aumento na demanda por aquele estoque.

Num esquema neoclássico a demanda por investimento bruto tem que ser derivada da demanda pelo estoque de capital. Entretanto, nossa hipótese simplificadora da economia usando apenas capital circulante significa que a curva de demanda por investimento bruto (capital como um fluxo) é idêntica à demanda por capital

natureza destas funções ver Garegnani(2000).

⁷ Supomos aqui que os organizadores da produção são os proprietários do capital existente.

como um estoque dado que todo o estoque de capital é usado por inteiro em cada período.⁸

Aqui nós vemos que a inclinação da demanda por investimento bruto, correspondendo a um dado montante dos outros fatores empregados, será necessariamente negativa inclinada visto que a demanda por qualquer fator é uma função negativa de seu preço. Isto mais a flexibilidade do preço de fator relevante, neste caso a taxa de juros, provê a base para a idéia de que qualquer montante de poupança ofertado (seja líquido ou bruto) sempre será absorvido por níveis aumentados de investimento (líquido ou bruto) através do equilíbrio de mercado no mercado de investimento e poupança.

Note que, além de determinar a taxa de de juros de equilíbrio, o equilíbrio de mercado no mercado de capital (de investimento e poupança) deveria resolver o problema que preocupava Keynes (1936). Keynes, em sua “Teoria Geral”, apontou que mesmo se o salário real não é “alto demais” (no sentido de estar acima do produto marginal da dotação de trabalho), em uma economia monetária apenas seria realmente lucrativo empregar tal montante de trabalho se a produção destes trabalhadores pudesse ser vendida, i.e., se houvesse uma “demanda efetiva” para o nível de produto ofertado quando eles são empregados.

Se houver equilíbrio de mercado no mercado de investimento e poupança isto não se constitui num problema sério. Qualquer aumento no produto acima do que estiver sendo correntemente gasto em consumo de fato acarreta um aumento na poupança potencial. Porém, se a taxa de juros é inteiramente flexível e a demanda por investimento elástica em relação à taxa de juros, o equilíbrio de mercado do mercado de capital garante que toda esta poupança extra será absorvida pelo investimento aumentado.

Por isto há esta importante assimetria em uma economia monetária, na qual, para o mercado de trabalho funcionar apropriadamente, o mercado de capital deve também funcionar apropriadamente já que o equilíbrio de investimento e poupança é também o equilíbrio entre oferta agregada e a demanda agregada da economia

Esta assimetria é relevante apenas para uma economia monetária porque apenas numa economia que usa moeda o ato de vender e comprar podem ser logicamente separados como duas transações distintas, e daí uma discrepância geral entre demanda agregada e oferta agregada, e por isto a possibilidade de problemas de demanda efetiva, pode aparecer. Em uma economia de escambo uma decisão de ofertar um certo montante de produtos necessariamente implica também uma decisão de aceitar como pagamento, e portanto de demandar, uma quantidade de produtos do mesmo valor. Por isto logicamente não é possível ao valor total da oferta agregada ser diferente do valor da demanda agregada, não importa quão diferentes a oferta e a demanda por bens particulares possam ser uma da outra.

Nós podemos ver claramente que esta característica peculiar do mercado de investimento e poupança numa

⁸ Note que nós estamos assumindo por simplificação que a força de trabalho permanece constante e que não há progresso técnico. Crescimento de oferta de trabalho ou de produtividade deslocaria a a demanda por investimento para a direita. Para a relação entre a demanda por capital como um estoque e como um fluxo vide Garegnani(1978-9) e Petri(1997).

economia monetária cria esta assimetria quando nós recordamos que se, por exemplo, o salário real fosse rígido, isso não causaria qualquer problema para o equilíbrio de mercado no mercado de capital (como nós vimos na seção anterior). Apesar do nível de equilíbrio de emprego e produto vir a ser menor do que no caso de pleno emprego, a produção de todos trabalhadores empregados poderá ser vendida se o mercado de capital se equilibrar. Essa seria uma situação na qual o produto potencial seria menor do que aquele correspondente ao pleno emprego.⁹

Por outro lado, fosse a taxa de juros rígida por algum motivo (como Keynes pensava que era - mais sobre isto abaixo) o investimento não poderia se ajustar à poupança de pleno emprego e por isto não poderia haver qualquer equilíbrio de mercado no mercado de trabalho mesmo com salários reais flexíveis (e “desemprego involuntário” se sucederia).

No caso de salários reais rígidos, taxa de juros rígida e a resultante falta de demanda efetiva geraria desemprego “keynesiano” em adição ao desemprego “estrutural” causado pelo salário real alto.

Portanto equilíbrio de mercado no mercado de investimento e poupança é de fato o que provê o equivalente neoclássico da “Lei de Say” usada de forma bastante arbitrária por Ricardo e alguns outros economistas clássicos. Este argumento neoclássico ao menos provê um mecanismo particular que, se funcionar, garantiria a determinação do investimento pela poupança potencial (seja de pleno emprego ou de plena capacidade).

Esta é então a explicação neoclássica do nosso segundo fato estilizado. Há uma tendência à plena utilização da capacidade, i.e., todo produto potencial pode ser vendido porque há equilíbrio de mercado no mercado de investimento e poupança (mercado de capital “novo”).

V. Sobre a Flexibilidade de Salários Reais e Nominais

Para validar a interpretação neoclássica de nossos dois fatos estilizados é necessário demonstrar que as condições que permitiriam ocorrer o resultado de equilíbrio de mercado estão presentes na realidade. Isso significa que para o caso de equilíbrio de mercado se sustentar preços de fator têm de ser mostrados “flexíveis” tanto em termos nominais quanto reais, e todas funções de demanda por fator têm de ser ‘bem comportadas’ (em termos da nossa discussão na seção 2 acima, para apresentar equilíbrio de mercado no sentido de **b**) nós temos que prover evidência para as hipóteses **i**) sobre preços flexíveis e **ii**) sobre ‘bom comportamento’).

O problema é que há fortes razões empíricas e teóricas para rejeitar ambas hipóteses. Vamos olhar brevemente algumas dessas razões, começando com aquelas relacionadas a hipóteses de ‘flexibilidade’ de

⁹ Em teorias neoclássicas o produto de plena capacidade, tal como determinado pelo estoque de capital disponível, só é distinto do produto de pleno emprego se o salário real é rígido. Do contrário, virtualmente qualquer montante de trabalho poderia ser empregado com um dado montante de ‘capital’ pela operação do princípio da substituição.

preço de fator.

O principal problema com a hipótese de flexibilidade generalizada de preço de fator no longo prazo é que ela parece ser inteiramente desprovida de conteúdo empírico, especialmente no que diz respeito a preços (salários e juros) tanto reais quanto nominais dos dois principais fatores de produção (trabalho e capital).

No caso de flexibilidade a longo prazo de salários reais, uma das pouquíssimas coisas com que economistas do trabalho de convicções muito diferentes parecem concordar é que em geral, mesmo na ausência de fortes sindicatos ou regulação salarial específica, salários não tendem a cair indefinidamente em situações de desemprego involuntário nem tendem a crescer sem limite quando o mercado de trabalho está relativamente aquecido.

Parece claro que a determinação de salários é sempre fortemente influenciada por forças institucionais, políticas e culturais. Esta parece ser uma característica fundamental da operação de mercados de trabalho. Aquelas influências sócio-políticas se fazem presentes em todos aspectos do processo de determinação de salário, tanto se estamos considerando salários em termos nominais quanto reais, lidando com níveis absolutos de salário ou diferenciais relativos de salário, e tanto no que diz respeito a tendências de longo prazo quanto a flutuações de curto prazo.

Salários portanto não seguem na prática a ‘lei de oferta e demanda’ (i.e. o mercado de trabalho não é um mercado de leilão) e daí não são flexíveis no sentido específico em que este termo é entendido na teoria neoclássica. Note entretanto que isto não significa que salários são rigidamente ‘fixos’ ou constantes ao longo do tempo, e nem que salários são completamente independentes das condições do mercado de trabalho. Uma coisa é reconhecer o impacto das condições do mercado de trabalho (tais como uma larga reserva de trabalhadores desempregados) como um dos vários fatores que afetam no longo prazo o poder de barganha dos assalariados e daí o nível de salários. Algo completamente diferente é representar a influência de longo prazo das condições do mercado de trabalho sobre salários como um processo no qual o único nível de salário sustentável é aquele que satisfaz a condição de equilíbrio de mercado e que implica, por exemplo, que salários ficarão caindo enquanto houver qualquer grau de desemprego involuntário, não importa quão pequeno.¹⁰

É claro, somente a última caracterização significa verdadeira flexibilidade salarial no sentido neoclássico. E é este tipo de flexibilidade que não é fácil de achar nos mercados de trabalho de economias capitalistas.

Porém, com frequência no mesmo livro ou artigo (por exemplo Blanchard & Fischer(1989), capítulo 1 e também Layard, Nickel & Jackman(1991), capítulo 1) onde esta falta de flexibilidade do salário real está documentada, referência é feita ao nosso primeiro fato estilizado (i.e. ao ajustamento aproximado à longo prazo entre oportunidades de emprego e o tamanho da força de trabalho) como dando suporte a uma visão neoclássica do mercado de trabalho, esquecendo o fato óbvio de que se salários reais são rígidos na realidade isso significa que este fato estilizado simplesmente não pode ser explicado na linha do mecanismo neoclássico

¹⁰ Sobre esta natureza dos salários vide Garegnani(1990b) e mesmo Solow(1991).

de equilíbrio de mercado, e daí a explicação ser buscada em outro lugar¹¹ (vide seção IX abaixo).

Por outro lado, a aceitação de que salários **nominais** também não seguem na realidade a “lei de oferta e demanda” tem implicações para as condições de equilíbrio de mercado no mercado de capital.

Como nós vimos acima, equilíbrio de mercado no mercado de investimento e poupança, e daí a explicação neoclássica para o nosso segundo fato estilizado (sobre uma tendência à utilização normal da capacidade), depende por seu turno da flexibilidade da taxa real de juros. Além disto, como nós também vimos, através da assimetria ligando os mercados de investimento e poupança e de trabalho numa economia monetária, a flexibilidade da taxa de juros é também um requerimento para equilíbrio de mercado no mercado de trabalho, e daí também para a explicação neoclássica do primeiro fato estilizado.

Aquela flexibilidade, em uma economia monetária, depende de serem também suficientemente flexíveis tanto salários nominais e preços de um lado, quanto a taxa nominal de juros de outro.

Por isto equilíbrio de mercado no mercado de investimento e poupança pode ser impedido pela falta de flexibilidade dos salários nominais. Porque sob condições competitivas, preços de produtos são proporcionais a estes salários nominais, e para um dado nível exógeno da oferta monetária nominal determinam, junto com a demanda por moeda, uma taxa nominal (e real) de juros que pode facilmente ser “alta demais” para o investimento absorver a poupança de plena capacidade (ou pleno emprego).

Essa taxa de juros alta, como nós vimos acima, criará uma restrição de demanda efetiva que não irá permitir ocorrer pleno emprego no mercado de trabalho mesmo se os salários reais forem supostos ser flexíveis.¹²

VI A Flexibilidade das taxas Nominal e Real de juros

O problema aqui é que não apenas os salários nominais não são flexíveis na realidade mas também que se fosse para eles serem flexíveis no sentido neoclássico eles poderiam na verdade criar problemas por afetar adversamente a flexibilidade da taxa real de juros.

¹¹ Por isto, teóricos neoclássicos têm sido forçados pelos fatos a assumir uma entre duas posições insatisfatórias. A primeira é sugerir, tal como os assim chamados Novos Keynesianos fazem, que salários reais são de fato flexíveis mas apenas num muito vago longo prazo (definido quase tautologicamente como o tempo que leva para o desemprego curar a si mesmo - vide Layard, Nickel & Jackman (1991)). A segunda posição, assumida pelos assim chamados Novos Clássicos, alega que em verdade salários reais são muito flexíveis, tão flexíveis que eles se movem instantaneamente para equilibrar o mercado de trabalho, o qual nunca está na realidade em desequilíbrio. Por isto os salários reais de mercado observados são (distúrbios aleatórios à parte) em verdade salários de equilíbrio de mercado e o desemprego realmente nunca acontece. Note que em ambos os casos a flexibilidade dos salários reais não pode ser observada, uma vez que ela ou opera tão devagar que ela é dificilmente perceptível (versão Novo Keynesiana - vide Mankiw & Romer (1991)) ou ela é tão rápida que não pode ser vista (visão Novo Clássica). Parece mesmo não ocorrer a eles que esta flexibilidade não pode ser vista talvez simplesmente porque ela não existe.

¹²Essa é claramente a visão da assim chamada “síntese neoclássica” (vide Tobin(1980)).

Mantendo provisoriamente a hipótese irrealista de uma oferta nominal de moeda exógena, vamos assumir agora que há algum desemprego e salários nominais são flexíveis mas não infinita e instantaneamente flexíveis. A lenta queda no salário nominal vai levar não apenas a uma queda corrente no nível de preços e a um aumento na oferta real de moeda e uma queda correspondente na taxa nominal de juros mas vai também quase certamente acarretar um processo de deflação. Essa deflação significará que, a despeito da queda da taxa nominal de juros, a taxa real de juros pode mesmo estar aumentando com efeitos adversos sobre investimento (e devedores em geral). Por isto, como Keynes (1936, capítulo 19) notou, flexibilidade do salário nominal, **a não ser que seja instantânea**, pode efetivamente fazer o equilíbrio de mercado no mercado de investimento e poupança mais difícil, e daí pode levar a economia para longe do pleno emprego.¹³

No entanto, no mundo real a taxa nominal de juros é determinada exogenamente pelas autoridades monetárias e esta sujeita a restrições políticas, institucionais, internacionais e de convenções (como mostrados por Kalecki e Kaldor, vide Pivetti(1991) e Moore(1988)) enquanto a oferta nominal de moeda é em grande parte endógena. Isso significa que a taxa nominal de juros não é de forma alguma flexível no mundo real.

Sendo este o caso, salários nominais flexíveis certamente criariam problemas. A exogeneidade da taxa **nominal** de juros leva a oferta nominal de moeda a se tornar endógena, se contraindo junto com a folha de salários nominais e o nível de preços da economia, evitando qualquer mudança significativa na oferta real de moeda.^{14 15}

Porém, a queda nos salários nominais no caso de desemprego certamente aumentaria a taxa **real** de juros, uma vez que a deflação de salários e preços ocorreria tendo como pano de fundo uma taxa nominal de juros fixa, causando uma queda no investimento e movendo a economia certamente para longe do equilíbrio de mercado no mercado de investimento e poupança (vide Moore(1997)). Neste caso, a combinação de taxa de juros nominais exógena com flexibilidade de salários nominais e de preços criaria um processo cumulativo de deflação (ou inflação)¹⁶ pois faria a taxa real de juros se mover na direção errada.

¹³ Este argumento tem sido ressuscitado recentemente por autores neoclássicos mais velhos aparentemente preocupados com os excessos de seus alunos. Vide Hahn(1984), Hahn & Solow(1995), e Tobin(1993).

¹⁴ Note que a oferta monetária endógena, por deixar a oferta monetária real inalterada, elimina a possibilidade do efeito encaixes reais, ou efeito Pigou, que supostamente faz o consumo aumentar com o aumento no valor real da base monetária, a qual constitui parte da riqueza do setor privado (Kalecki(1944)).

¹⁵ Note entretanto que, mesmo no caso implausível no qual a oferta monetária nominal fosse mantida exógena, o total do aumento da riqueza privada advindo da deflação ocorre necessariamente às expensas do governo, uma vez que o que está mudando em valor é um ativo do público mas um passivo do governo. O assim chamado efeito encaixes reais é por isto apenas possível, mesmo sob as mais favoráveis condições, na medida em que o governo aceite o que no fim das contas é igual a um aumento no déficit público real inteiramente financiado por moeda. Do contrário, impostos podem ser elevados pelo mesmo exato montante em que a base monetária real (e a riqueza privada) tiver aumentado. É irônico que este efeito pôde estar sendo usado para argumentar a favor das propriedades últimas auto reguladoras de mercados livres sem intervenção do governo.

¹⁶ Note que se os preços por algum motivo não caem tanto quanto os salários nominais, como Kalecki(1971) apontou, a situação ficaria até pior, com a decorrente redistribuição de renda contra os trabalhadores com uma alta propensão a consumir que aumentaria a propensão marginal a poupar da economia diminuindo a demanda

Por isto flexibilidade da taxa real de juros no sentido neoclássico não apenas não é observada na realidade, como também de qualquer forma ia requerer a combinação empiricamente implausível de flexibilidade instantânea de salário nominal com a exogeneidade da oferta monetária nominal.

Isso significa que equilíbrio de mercado no mercado de investimento e poupança não ocorre, e daí a explicação neoclássica do nosso segundo fato estilizado é falha. Além disto, como mencionado anteriormente, os efeitos-repercussão da falta de equilíbrio de mercado no mercado de investimento e poupança sobre o mercado de trabalho impediriam equilíbrio de mercado no mercado de trabalho, mesmo se salários reais pudessem ser considerados flexíveis (o que aliás eles não são na prática).

VII. Capital Heterogêneo e Funções de Demanda por Fatores ‘Bem-Comportadas’

Sérias dificuldades adicionais aparecem quando nós passamos a examinar a segunda hipótese sobre a qual os resultados de equilíbrio de mercado neoclássico são baseados, a hipótese de que as funções de demanda por fator são ‘bem comportadas’ (condição **ii** na seção II acima).

Nós devemos começar nossa discussão por lembrar que o conceito de uma curva de demanda por um fator de produção certamente não se origina de generalizações indutivas de regularidades empíricas observadas. Como é bem sabido, funções de demanda por fator são conceitos derivados da teoria neoclássica. Isto significa que estas funções são supostas ser logicamente dedutíveis das hipóteses mais ‘primitivas’ sobre preferências, dotações e tecnologia.

Uma função de demanda por um fator de produção é dita ser ‘bem comportada’ quando ela acaba tendo a propriedade de que sua demanda geralmente cresce (em relação a demanda pelos outros fatores) com uma queda em seu preço relativo. Teóricos neoclássicos sempre se apoiaram nesta noção de funções de demanda por fator bem comportadas ou negativamente inclinadas para garantir a unicidade e estabilidade (global) de suas posições de equilíbrio.

É também esta propriedade de ‘bom comportamento’ que no fim fornece plausibilidade teórica à hipótese de que preços de fator são flexíveis (de outra forma não faria sentido esperar que preços dos fatores seguissem a “lei de oferta e demanda”). Flexibilidade de preço de fatores e as associadas funções de demanda ‘bem comportadas’ por eles são por isto duas noções que se complementam uma à outra e juntas provêm condições suficientes para se obter o resultado neoclássico de equilíbrio de mercado generalizado nos mercados de fator.

Todavia, o fato de que funções de demanda por fator bem comportadas são de importância crucial para garantir os resultados neoclássicos tradicionais não significa que seja fácil deduzir funções com essas

agregada.

propriedades desejáveis partindo das hipóteses neoclássicas. Exatamente o contrário é que verdade.¹⁷

A rigor, para ver isto nós devemos agora relaxar a hipótese, feita no começo da seção IV acima, de que a economia usa um único bem de capital homogêneo em relação ao produto.

Se o capital é assim permitido ser heterogêneo, digamos permitindo a existência de muitos tipos de bens de capital, então é inevitável que mudanças na taxa (uniforme) de juros (ou alternativamente no salário real) devam ter um impacto direto sobre preços relativos. Como é bem sabido desde Sraffa(1960) , estes efeitos podem ser bem complexos e irregulares. Estes efeitos afetam significativamente tanto o valor relativo de conjuntos de bens de capital heterogêneos como a ordenação de rentabilidade de métodos de produção alternativos, e podem ir em virtualmente qualquer direção.

Como consequência, fenômenos tais como a reversão da intensidade de capital (“reverse capital deepening”) e o retorno das técnicas (“reswitching”) podem ocorrer¹⁸. A reversão da intensidade de capital ocorre quando uma taxa de juros menor (e daí uma taxa de salário maior) leva a uma queda, ao invés de um aumento, na “quantidade de capital” demandada (em relação ao trabalho). Por outro lado, o retorno das técnicas acontece quando um método de produção que era o mais lucrativo entre os disponíveis a uma taxa de lucro particular é substituído por um outro método a uma (digamos) maior taxa de lucro mas reemerge como o mais lucrativo a uma taxa de lucro ainda maior. A reversão da intensidade de capital contradiz, se o capital é medido como uma magnitude em valor, a idéia central por trás do princípio da substituição que é a relação inversa entre preços relativos de fatores de produção a demanda por eles (uma vez que não apenas a razão capital/trabalho é

¹⁷ Aparte aos problemas teóricos do capital discutidos nesta seção há também os problemas adicionais que podem advir tanto dos efeitos renda “perversos” de equilíbrio parcial quanto geral. Esses podem aparecer no contexto parcial como a possibilidade de funções de oferta de fator mal comportadas tanto de trabalho quanto de poupança (um problema que nós excluímos por nossa suposição de ofertas de fator inelásticas). No contexto de equilíbrio geral mudanças nos preços de fator mudam a distribuição de renda e a composição da demanda, se agentes não são semelhantes, pode se mover de tal maneira que a queda no preço de um fator pode no fim reduzir ao invés de aumentar sua demanda (se este efeito renda negativo é maior do que o efeito substituição). Nós abstrairemos deste problemas assumindo que todos agentes nesta economia são perfeitamente idênticos. Isto é feito para permitir que nos concentremos no problema mais fundamental da quebra do efeito substituição uma vez que teóricos neoclássicos sempre argumentam que suficiente substitutibilidade resolveria tais dificuldades. Vide Kirman(1987) e Petri(1989).

¹⁸ Nas nas versões tradicionais de longo prazo da teoria neoclássica que tomavam um valor dado do estoque de capital como representando a dotação de capital da economia, a mera dependência , por menor que seja entre preços relativos e distribuição torna imediatamente inconsistente a oferta de capital (pois esta vai variar drasticamente por exemplo com uma mera mudança de numerário) e por consequência as curvas de demanda de todos os demais fatores de produção , que são calculadas para dada quantidade de capital. As versões intertemporais da teoria neoclássica escapam dessa inconsistência ao tomar a dotação de capital enquanto um vetor de bens de capital específicos não escapam dos problemas de reversão das técnicas e reversão da intensidade de capital. Note que ao longo deste texto estamos sendo particularmente generosos com os neoclássicos e aceitando a sua inconsistência metodologica mencionada na nota 2 acima a partir da qual a teoria se diz explicar a realidade usando os resultados das versões antigas de longo prazo e ao mesmo tempo incoerentemente a defesa teórica da abordagem neoclássica se faz utilizando a versão intertemporal que se admite ser inaplicável à realidade. A versão da teoria neoclássica que de fato é usada para explicar a realidade ainda é a versão marginalista intertemporal que se torna logicamente inconsistente assim que se introduz capital heterogêneo.

reduzida com uma menor taxa de lucro mas também o salário real corespondentemente maior está associado com a adoção de técnicas que usam maiores coeficientes de trabalho). O retorno das técnicas , por outro lado, mostra que não há maneira de ordenar técnicas inequivocamente em termos de suas intensidades em capital e daí nenhum índice de intensidade em capital pode ser usado para substituir a medição em valor e contornar as dificuldades tais como a reversão da intensidade de capital.

A possibilidade generalizada da ocorrência destes tipos de fenômenos significa que funções de demanda por fator bem comportadas não podem ser derivadas das hipóteses neoclássicas usuais.

A base para a relação inversa entre a taxa de juros e o investimento, o princípio da substituição, não pode ser deduzido logicamente das dotações, técnicas e preferências no caso de capital heterogêneo.¹⁹

Uma vez que uma função de demanda por investimento bem comportada não pode ser derivada, ao contrário do que usualmente se pensa, não há simplesmente qualquer base lógica para a idéia neoclássica de equilíbrio de mercado no mercado de capital, mesmo se taxas de juros são inteiramente flexíveis.²⁰

Portanto, em uma economia monetária, não há também qualquer base para a idéia de que o investimento tenderá a absorver a poupança de plena capacidade. Por isto a explicação neoclássica para o nosso segundo fato estilizado é desprovida de suas fundamentações.

Por outro lado, estas dificuldades com o capital têm duas implicações negativas no que diz respeito à função de demanda por trabalho (e outros fatores não reprodutíveis). A primeira implicação é que a demanda por investimento positiva ou de formato irregular, refletindo como ela o faz como a razão capital/trabalho da economia se move enquanto a distribuição se altera, implica que a função de demanda por trabalho também não será “bem comportada” já que, por exemplo, o fato de que mais capital é usado quando a taxa de juros cresce pode significar que técnicas menos intensivas em trabalho estão sendo escolhidas enquanto o salário real cai.²¹

Por outro lado, no contexto de uma economia monetária, a ausência de um mecanismo que pudesse garantir equilíbrio de mercado no mercado de capital (investimento e poupança) faz tanto o formato (tanto a

¹⁹ Para uma análise completa destas dificuldades vide Garegnani(1990b).

²⁰ Note que se ao invés de usar a versão tradicional de longo prazo da teoria neoclássica alguém poderia alternativamente considerar a moderna versão intertemporal dessa teoria. Isso complicaria a análise mas não afetaria nossas conclusões. Se a economia intertemporal é tal que inclui um steady state terminal “reswitching” e “reverse capital deepening” podem ocorrer ao longo da seqüência de equilíbrios (Schefold(2000)). Em condições mais gerais, com mudança de preços relativos através da trajetória inteira de equilíbrio intertemporal, a condição de lucro zero para todos os bens de capital que são produzidos irá acarretar que há uma taxa efetiva de juros uniforme (a qual será igual à taxa própria de juros do numerário escolhido) sobre o investimento bruto mas simplesmente não há razão para supor que o valor do investimento bruto será uma função inversa “bem comportada” daquela taxa de juros (vide Garegnani (1990b, 2000). Para uma crítica de outras versões tais como a “array of opportunities” e a “custos de ajuste” de funções investimento elásticas à taxa de juros vide Petri(1997)).

²¹ Isto tem sido demonstrado para a versão tradicional de longo prazo da teoria neoclássica. Para a forma diferente na qual o problema da quebra da substituição pode afetar a seqüência de equilíbrios no mercado de trabalho nas versões intertemporais vide Schefold(2000) e Garegnani(1990b).

inclinação quanto a posição) da curva de demanda por trabalho virtualmente irrelevante já que, como nós vimos acima, a falta de equilíbrio de mercado no mercado de capital pela introdução de uma restrição de demanda efetiva também evita a ocorrência de equilíbrio de mercado no mercado de trabalho.

Assim os problemas com capital heterogêneo mostram que, fora do contexto de um único bem de capital homogêneo em relação ao produto, não há base teórica para uma função investimento elástica em relação à taxa de juros e daí nenhuma fundamentação teórica para a explicação neoclássica de qualquer dos nossos dois fatos estilizados.

.VIII. Teoria Neoclássica e os Fatos Estilizados

Pode ser útil neste ponto citar uma vez mais a explicação de Arrow para sua crença na explicação neoclássica de nossos dois fatos estilizados. Na mesma entrevista mencionada na seção II acima Arrow relembra um debate com Joan Robinson nos seguintes termos:

“She would say ‘well, when you are out of equilibrium, you say the real wage ought to be cut, but if you do that you cut demand and make matters worse’ ”²² Arrow relembra que Robinson diria que em seguida à queda do salário real as firmas não contratariam mais trabalhadores ‘porque elas não podem vender os bens’. Sua resposta foi: “The thing is, however, if they *did* hire the workers they *would* sell the goods.”²³ (Arrow (1989), p. 182, itálicos no original).

É evidente que na passagem acima Arrow está supondo que: 1) a um salário real menor será lucrativo empregar técnicas que são mais intensivas em trabalho e 2) que o investimento é levado à igualdade com a poupança de pleno emprego. A discussão anterior mostrou que não há nenhum bom motivo teórico ou empírico para sua crença em 1) ou em 2).

De fato, o resultado de toda a discussão das seções precedentes é que simplesmente não há qualquer argumento teórico em apoio à hipótese de funções de demanda por fator bem comportadas, e em particular para uma função investimento elástica em relação à taxa de juros.

Antes disso, nós já tínhamos argumentado que parece não haver qualquer razão empírica convincente para pensar em preços de fator (ou variáveis distributivas) como sendo flexíveis, no sentido neoclássico, seja em termos reais ou nominais (monetários).

Parece então que nenhuma das duas condições requeridas para garantir os resultados neoclássicos de equilíbrio de mercado, a saber, funções de demanda por fator bem comportadas (condição **i**) e flexibilidade de preço de fator (condição **ii**), pode de forma plausível ser esperada ser uma característica geral de economias capitalistas competitivas. Portanto parece haver fortes razões teóricas e empíricas para rejeitar a explicação

²² Ela diria ‘bem, quando você está fora do equilíbrio, você diz o salário real deveria ser reduzido, mas se você faz isso você reduz a demanda e torna as coisas piores’.

²³ “O ponto é, entretanto, se eles contratassem mesmo os trabalhadores eles iriam vender os bens.”

neoclássica de nossos dois fatos estilizados e a noção associada de equilíbrio de mercado nos mercados de fatores de produção.

Aqueles que privilegiam a explicação neoclássica, contudo, tentam defendê-la apelando para dois argumentos conectados, um deles lógico e o outro empírico.

Seu primeiro argumento é da seguinte forma. Eles concordam tanto que funções de demanda por fator bem comportadas requerem mesmo um número de suposições arbitrárias e artificiais quanto que aquelas funções bem comportadas provêm condições suficientes para unicidade e estabilidade das posições de equilíbrio (o que junto com preços de fator flexíveis garante os resultados de equilíbrio de mercado). Estes teóricos neoclássicos porém apontam que enquanto funções de demanda por fator bem comportadas provêm mesmo condições suficientes para equilíbrios únicos e estáveis eles não constituem condições necessárias para estes resultados. Em outras palavras, logicamente equilíbrios únicos e estáveis podem ainda ocorrer mesmo sem funções de demanda por fator bem comportadas (e as hipóteses artificiais usadas para gerá-los) para certo conjunto ou conjuntos de valores dos parâmetros, enquanto é verdade que para outro conjunto em particular eles podem não ocorrer.

Assim, uma vez que unicidade e estabilidade não são desconsiderados como uma possibilidade lógica e sua ocorrência ou não depende de valores específicos dos parâmetros, a questão da validade dos resultados de equilíbrio de mercado torna-se estritamente empírica (vide Malinvaud(1981)).

Precisamente neste ponto seu segundo argumento vem à tona. Estes autores alegam que se funções de demanda por fator viessem a ser mal comportadas na prática, na forma e na extensão que levassem a equilíbrios múltiplos e instáveis, o sistema econômico necessariamente estaria exibindo violentas flutuações de preços e quantidades de bens e um enorme grau de instabilidade. O mecanismo de mercado estaria então permanentemente produzindo resultados incoerentes com as demandas e ofertas de bens e fatores sempre tendendo a explodir ou divergir ao invés de se equilibrar.

Dado o fato de que tal estado permanente ou crônico de incoerência ou extrema instabilidade jamais foi observado nas economias capitalistas existentes, os dois argumentos unidos os levam à conclusão de que de alguma forma as funções de demanda por fator efetivas são de fato bem comportadas (ou se não estritamente bem comportadas por sorte o afastamento desse ideal não tem nem a forma nem a magnitude que causaria problemas). Ademais, segue o argumento, no longo prazo mercados de fator tendem mesmo a (aproximadamente) se equilibrar, algo que estaria próximo do impossível com funções de demanda por fator seriamente mal comportadas. Daí os teóricos neoclássicos tomarem o equilíbrio aproximado a longo prazo entre demanda e oferta de trabalho e de capital (o que nós tomamos como nossos dois fatos estilizados) como evidência indireta de que preços reais e nominais de fator são suficientemente flexíveis, de que efeitos renda são na prática suficientemente pequenos e de que 'paradoxos' teóricos do capital (tais como retornos das técnicas e reversão do capital) enquanto possíveis na teoria por sorte também não acontecem na prática (que era também claramente a posição de Arrow - vide Arrow(1983)).

A linha acima de defesa da visão neoclássica apesar de engenhosa não se sustenta frente a um escrutínio mais detalhado. Antes de mais nada, como nós vimos nas seções V e VI acima parece haver suficiente evidência direta de que preços reais e nominais de fator não são flexíveis na realidade. Neste caso a teoria neoclássica deveria prever desequilíbrio permanente nos mercados de fator e nossos dois fatos estilizados simplesmente não poderiam ser explicados por ela.

Além disto, se funções de demanda por fator são na prática muito mal comportadas (como elas provavelmente seriam) não há razão por que nós deveríamos observar aquela violenta instabilidade novamente pela razão simples de que na realidade preços de fator simplesmente não são flexíveis no sentido neoclássico. De fato, é altamente provável que uma das principais razões desta aparente rigidez é a correta percepção generalizada tanto de agentes econômicos privados quanto de governos de que se preços de fator fossem feitos ser flexíveis as coisas poderiam facilmente se tornar muito piores (sobre isto ver Petri(1994) e Kalecki(1944)).

Vamos contudo abstrair desta evidência direta para olhar para a lógica do argumento sobre condições suficientes versus condições necessárias. Teóricos neoclássicos hoje em dia tendem a subestimar a importância de condições suficientes em relação à de condições necessárias. Uma coisa simples mas crucial que os defensores da visão neoclássica tendem a não mencionar nessa conexão é que qualquer teoria que pretende explicar um fenômeno particular naturalmente deve especificar as condições suficientes para aquele fenômeno ocorrer (realmente isto é o que significa ter uma teoria do fenômeno). Se a teoria proposta não fornece as condições suficientes, ou até pior, se os proponentes da teoria não acreditam na relevância das suposições que eles próprios têm de fazer para obter os resultados desejados, a teoria em questão é, para dizer o mínimo, incompleta. No que diz respeito ao fenômeno em questão simplesmente não pode ser de qualquer relevância para sua explicação (rigorosamente não é realmente uma teoria para esse fenômeno). Sem condições suficientes simplesmente não há qualquer conexão lógica entre a ocorrência das hipóteses da teoria e a ocorrência do fenômeno que deve ser explicado. Portanto não há qualquer explicação do fenômeno em mãos. Contrariamente ao que os neoclássicos dizem a falta de condições suficientes aceitáveis não é uma virtude da sua teoria que mostra sua 'flexibilidade' e 'abertura' empírica (como Malinvaud(1981) alega). É de fato um sinal de uma séria deficiência em seu argumento. O que pode ser corretamente deduzido da ausência de condições suficientes aceitáveis é simplesmente que não há qualquer razão teórica para esperar as premissas neoclássicas usuais levarem a equilíbrio de mercado generalizado nos mercados de fatores.

Para dar sentido à segunda parte do argumento a favor da explicação neoclássica nós temos que nos referir de novo à distinção que estivemos fazendo entre os fatos estilizados mostrando uma certa igualação entre as oportunidades de emprego e o tamanho da força de trabalho e a demanda por mercadorias e o estoque de capital, e a teoria neoclássica de equilíbrio de mercado particular na qual as dotações são as variáveis independentes enquanto a demanda por eles é endogenamente determinada através da operação do princípio da substituição.

Quando a distinção acima é feita torna-se claro que a observação dos fatos estilizados por si próprios não dá suporte algum nem direto nem indireto à teoria neoclássica proposta para explicar aqueles fatos.

De fato há apenas uma maneira pela qual estes fatos estilizados poderiam ser tomados como fornecendo evidência indireta em favor da teoria neoclássica. Essa seria se a teoria neoclássica fosse a única maneira concebível de explicar aqueles fatos estilizados.

O modo de pensar neoclássico tornou-se tão dominante que eu estou certo de que muitos teóricos acreditam que este seja o caso mas eles nunca estabeleceram esta importante suposição adicional explicitamente.

Entretanto, a idéia de que a explicação neoclássica é a única concebível é completamente infundada. Nenhum argumento racional foi jamais apresentado a seu favor e não é fácil conceber algum. Em verdade o próprio Arrow foi honesto o suficiente para admitir em uma outra ocasião que teorias não baseadas em princípios neoclássicos poderiam facilmente ser concebidas e que “any coherent theory of reactions to the stimuli appropriate in an economic context could in principle lead to a theory of the economy”

²⁴(Arrow(1987),p.198-9) ²⁵

IX. A Abordagem Clássica do Excedente e os Fatos Estilizados

Vamos então finalizar apresentando muito brevemente uma tal explicação teórica alternativa possível para ambos os fatos estilizados que pode ser encontrada na moderna abordagem clássica do excedente, a qual é (contrariamente às explicações neoclássicas) tanto empiricamente plausível quanto teoricamente consistente.

Esta abordagem é baseada em duas idéias centrais, a saber: a) que os salários reais e a distribuição da renda em uma economia capitalista são fortemente influenciadas por fatores institucionais e sócio-políticos e b) que a força da concorrência depende da mobilidade do capital. No que tange aos determinantes do produto potencial no longo prazo, teóricos do excedente sempre entenderam que a capacidade produtiva dependia do estágio atingido pelo processo de acumulação de capital e a tecnologia. Isto compreende dizer que nesta visão o crescimento à longo prazo é usualmente restrito pela disponibilidade de capital (em vez de trabalho ou recursos naturais).

Nas teorias Clássicas do Excedente a capacidade produtiva da economia depende do estoque de capital e as condições técnicas de produção (representadas pelas razões capital-produto relevantes).

A idéia clássica de que a acumulação de capital é a restrição relevante à longo prazo tem sido comumente interpretada pelos neoclássicos como baseada nas suposições combinadas de uma oferta ilimitada de trabalho e a hipótese de tecnologia de proporções fixas. A última suposição tendo o papel de fazer capital e trabalho tornarem-se complementares em vez de substitutos de tal maneira que é o fator de produção que está disponível em menor oferta (e seu próprio coeficiente técnico) que determina a plena capacidade. A primeira hipótese (oferta ilimitada de trabalho) garantiria que é o capital e não o trabalho o fator limitante.

²⁴ *Qualquer teoria coerente de reações aos estímulos apropriados em um contexto econômico...poderia a princípio levar a uma teoria da economia.*

²⁵ Como exemplos ele menciona a possibilidade de basear uma teoria do comportamento do consumidor no “hábito” e argumenta que esta teoria seria tanto “plausível” quanto “capaz de ser testada” (Arrow(1987), p.

De acordo com esta interpretação a visão clássica seria relevante apenas no caso especial de economias subdesenvolvidas e super-populosas que sofressem de drástica rigidez tecnológicas.²⁶

Esta difundida interpretação (neoclássica) das teorias clássicas do excedente é totalmente incorreta. A teoria clássica é perfeitamente compatível com a existência de técnicas alternativas (mesmo uma infinidade delas) e não tem que negar a influência possível de preços relativos sobre a demanda por mercadorias. A razão por que capital e trabalho são complementares se encontra na hipótese, básica para a abordagem do excedente, de que a distribuição é determinada exogenamente como nós mencionamos acima.

Portanto, nesta abordagem a técnica escolhida não é necessariamente a única disponível para produzir o nível de plena capacidade, mas em verdade aquela minimizadora de custo/maximizadora de lucro à dada variável distributiva exógena (aos dados “preços de fatores”). O princípio da substituição certamente não está em operação. Mas isto não acontece necessariamente porque não há métodos alternativos de produção disponíveis mas porque os ‘preços de fatores’ não mudam.²⁷

Nem é a visão clássica do excedente baseada na suposição de que a força de trabalho é indefinidamente grande. A idéia é de que há (como nós veremos aqui em mais detalhe) um número de mecanismos sociais e econômicos em operação em economias capitalistas que permitem ao sistema elevar a disponibilidade de trabalho em compasso com os requerimentos do processo de acumulação.

Com essas incompreensões comuns fora do caminho nós podemos agora proceder a olhar como a visão clássica do excedente explicaria nossos dois fatos estilizados. Vamos começar com o primeiro desses, aquele relacionado aos ajustes entre a força de trabalho e a demanda por emprego assalariado.

A explicação da abordagem clássica do excedente para este fato é que no limite estreito em que oportunidades de emprego e o tamanho da força de trabalho em uma economia são em algum sentido compatibilizados, o processo é caracterizado pelo tamanho da força de trabalho adaptando-se às oportunidades de emprego (ao invés de vice versa como na teoria neoclássica).

O ponto central é simplesmente que dado que em economias capitalistas muitas pessoas (a maioria) simplesmente têm de trabalhar para sobreviver, sempre que o desemprego alcança níveis muito altos por períodos consideráveis de tempo um número de processos são postos em ação que automaticamente tendem a reduzir a discrepância original entre oferta e demanda por trabalho. Muitos desses que ficam para trás são

199) e a teoria Keynesiana do multiplicador.

²⁶ Note porém que a existência de proporções fixas, isto é, um único método para produzir cada mercadoria não é suficiente para fazer capital e trabalho complementares no nível agregado. Se as proporções nas quais capital e trabalho são usados são diferentes para cada mercadoria, substituição de fator enquanto preços de fator mudam irá ainda ocorrer não através da substituição direta na produção mas pela substituição indireta na medida em que a demanda dos consumidores volta-se para bens que usam mais intensivamente os fatores mais baratos.

²⁷ Note que o bem conhecido argumento de acordo com o qual a visão clássica sobre a exogeneidade da distribuição é exatamente a rigidez que, evitando que a substituição aconteça, interfere na operação normal do mecanismo de mercado e é a causa do desemprego aparentemente “estrutural”, está inteiramente baseada

mais cedo ou mais tarde forçados a se juntar ao contingente de ‘autônomos’ no setor informal da economia. Esses processos (e alguns outros similares) tendem a diminuir as taxas registradas de desemprego aberto sem gerar quaisquer novos empregos no setor capitalista formal.²⁸

Por outro lado, situações persistentes de escassez de trabalho têm sido normalmente evitados uma vez que o tamanho efetivo da força de trabalho pode facilmente ser (e historicamente tem sido) aumentado elevando-se o número médio de horas trabalhadas (elevando-se a demanda por horas extras), as taxas de participação de certos grupos demográficos (por exemplo mulheres casadas, pessoas jovens), migração regional e internacional de trabalho, e trazendo trabalho do setor informal. Estas são as fontes, que junto com o progresso técnico, continuamente reabastece a reserva de pessoas potencialmente empregáveis em economias capitalistas.

Isto significa que no longo prazo a taxa de desemprego certamente será positiva e possivelmente até relativamente alta mas que ao mesmo tempo ajustamentos endógenos no tamanho da força de trabalho não vão permitir que o desemprego aberto cresça além de certos limites.²⁹

A explicação abordagem clássica do excedente para o nosso segundo fato estilizado, aquele se referindo à congruência de longo prazo entre os tamanhos relativos do estoque de capital e a demanda pelos produtos produzidos com ele está baseada na extensão para o longo prazo do princípio da demanda efetiva de Keynes e Kalecki.³⁰

Nesta visão, o segundo fato estilizado é explicado como o resultado da operação de uma tendência da capacidade produtiva a ajustar-se à tendência secular da demanda efetiva.³¹

Isso significa que esta teoria leva em conta não apenas o efeitos multiplicador usualmente contemplados

na suposição insustentável de que funções de demanda por fator são de fato “bem comportadas”.

²⁸ Como Garegnani (1990a, p. 116) apontou tal “coincidência aproximada a longo prazo entre emprego de trabalho e trabalho buscando emprego”... “é apenas para ser esperado, na extensão em que trabalhadores não podem viver de ar. Esta coincidência aproximada pode em verdade resultar de trabalho procurando emprego ajustando-se a oportunidades de emprego ao invés do contrário” (Garegnani, 1990a, p. 116) através de imigração, mudanças nas taxas de participação e ‘desemprego disfarçado’ no setor informal.

²⁹ A amplitude destes limites dependerá do tamanho do setor informal, as características sociológicas da força de trabalho, o aparato institucional acerca do seguro desemprego, sindicatos e mobilidade internacional de trabalho. Note que fora os ajustes “automáticos” derivados das decisões e estratégias de sobrevivência dos indivíduos discutidos no texto existe também a pressão social e política para que os governos busquem políticas expansionistas em época de grande desemprego (por exemplo, frentes de trabalho no nordeste brasileiro, ou políticas keynesianas de pleno emprego na Inglaterra do pós-guerra) e pressões para que os governos incentivem por exemplo a imigração em períodos de relativa escassez de mão-de-obra.

³⁰ É verdade que alguns dos antigos economistas clássicos, como Ricardo, acreditaram um tanto arbitrariamente na Lei de Say. Entretanto como Garegnani (1978-9) mostrou a “Lei de Say” não é uma característica necessária da teoria do valor e da distribuição clássica do excedente e ela pode e deve ser substituída por uma teoria de longo prazo do produto baseada no princípio da demanda efetiva.

³¹ “Agora, o tamanho da dotação de capital parece, quando nada, até mais suscetível de adaptação ao seu emprego do que é o tamanho da força de trabalho ... é o nível da demanda agregada e do produto que determina o nível de estoque de capital.” (Garegnani (1990a), p. 116-117).

também nas teorias de curto prazo de utilização de capacidade mas também os efeitos aceleradores pelos quais o crescimento sustentado da demanda efetiva vai induzindo a criação de capacidade produtiva da economia.³²

Referências

- Arrow, K. ([1972] 1983a), "General Economic Equilibrium: Purpose, Analytic Techniques, Collective Choices" em "Collected Papers-Vol 2 General Equilibrium", Basil Blackwell
- Arrow, K. (1983b), "Cost Theoretical and Demand Theoretical Approaches to the Theory of Price Determination" em "Collected Papers-Vol 2 General Equilibrium", Basil Blackwell
- Arrow, K. (1989) "An Interview" em Feiwel G. (ed.) , Joan Robinson and Modern Economic Theory, Macmillan, London.
- Blanchard, O. and Fischer, S. (1989) "Lectures on Macroeconomics", The M.I.T. Press, Cambridge (Mass.).
- Solow R (1991) "The Labour Market as a Social Institution", Oxford University Press, Oxford
- Garegnani, P. (1978-9), "Notes on Consumption, Investment and Effective Demand", Cambridge Journal of Economics
- Garegnani , P. (1983) "Two Routes to Effective Demand" em J. Kregel (ed.), Distribution Effective Demand and International Economic Relations, Macmillan, London.
- Garegnani, P. (1990a) "Sraffa: Classical versus Marginalist Analysis", em Bharadwaj, K. & Schefold B. (eds.) (1990), "Essays on Piero Sraffa", Unwin & Hyman, London.
- Garegnani, P. (1990b) "Quantity of Capital" em J. Eatwell, M. Milgate & P. Newman (eds.) Capital Theory- The New Palgrave, Macmillan, London.
- Garegnani, P. (2000) "Saving and Investment in a system of general intertemporal equilibrium", forthcoming in H. Kurz (ed.) Essays on the Legacy of Piero Sraffa, Cambridge University Press, Cambridge.
- Kalecki, M. (1944) "Professor Pigou on the Classical Stationary State", Economic Journal
- Kalecki, M. (1971) "Selected Essays on The Dynamics of the Capitalist Economy 1933-1970", Cambridge University Press, Cambridge.
- Keynes, J. (1936) "The General Theory of Employment, Interest and Money", Macmillan, London.
- Layard, R., Nickel, S. & Jackman, R. (1991) Unemployment, Oxford University Press, Oxford.
- Kirman, A. (1989) "The Intrinsic Limits of Modern Economic Theory: The Emperor Has No Clothes", Economic Journal
- Petri, F. (1989) "Teorie Del Valore e Della Distribuzione", La Nuova Italia Scientifica, Roma.
- Petri, F. (1994b) "The Golden Age of Capitalism, Investment, Efficiency Wages: A Review Article", Economic Notes, v. 23, n° 1.

³² Para minha própria versão desta visão onde a tendência da demanda efetiva vai depender da evolução dos gastos autônomos e das mudanças de longo prazo nos determinantes do multiplicador (por exemplo a distribuição de renda) e do acelerador (o viés prevalecente na mudança técnica), ver Serrano(1995, 1996).

- Petri, F. (1994a) "Alcuni Problemi Creati Dalla Necessità di Assumere Aggiustamento Istantaneo Nella Teoria Post-Walrasiana Dell'equilibrio Concorrenziale", Siena, mimeo.
- Petri, F. (1997) "On the Theory of Aggregate Investment as a Function of the Rate of Interest", mimeo, Siena
- Pivetti, M. (1989) "An Essay on Money and Distribution", Macmillan, London.
- Schefold, B. (2000) "The Paradoxes of Capital in Intertemporal General Equilibrium", forthcoming in H. Kurz (ed.) Essays on the Legacy of Piero Sraffa, Cambridge University Press, 2000.
- Sraffa, P. (1960) "Production of Commodities by Means of Commodities", Cambridge University Press, Cambridge.
- Tobin, J. (1980) Asset Accumulation and Economic Activity, University of Chicago Press, Chicago.
- Serrano, F. (1996) The Sraffian Supermultiplier, tese de Doutorado não publicada, Cambridge University.
- Serrano, F. (1995) Long Period Effective Demand and the Sraffian Supermultiplier, Contributions to Political Economy
- Hahn, F. H., (1984) Equilibrium and Macroeconomics, Oxford, Blackwell.
- Hahn, F. H. and Solow, R., (1995) A Critical Essay on Modern Macroeconomic Theory, Cambridge, Ma., MIT Press.
- Mankiw, G. and Romer, D., (1991) New Keynesian Economics, Cambridge, Ma., MIT Press.
- Moore, B. (1988) Horizontalists and Verticalists, London, Cambridge University Press.
- Moore, B. (1997) "Why Wage and Price Flexibility is Destabilizing: a Critique of Walras", mimeo.
- Tobin, J., (1993) "Price Flexibility and Output Stability, An Old Keynesian View", Journal of Economic Perspectives 7,